

## Quando foi criado o inferno?

Vemos tantos líderes religiosos afirmarem sobre a existência do inferno que, considerando a hipótese, nos perguntamos: quando foi que Deus criou o inferno?

No livro *Gênesis*, encontramos Deus criando os “céus e a terra”. Mas, qual a razão de não ter também criado o inferno neste momento? Céus, segundo se acreditava, era a morada de Deus.

A primeira vez que a palavra inferno aparece na Bíblia Católica é no Sl 41,9, e significava o lugar para onde iriam todos os mortos, tanto os bons quanto os maus. Não é o conceito que temos hoje dessa palavra. Foi modificado após a influência cultural dos persas, passando a ser um lugar só para os maus. Na Bíblia Protestante, curiosamente, aparece em maior número de vezes. Está aí a razão de se falar tanto nele nesse meio.

Por qual motivo Deus, ao instituir os Dez Mandamentos, não disse que iriam para o inferno todos que não os cumprissem. Não seria esse o momento para se criá-lo? Por outro lado, isso não seria uma injustiça? Afinal, os que viveram antes desse código não tinha o inferno como “castigo”, somente os que vieram depois. Que justiça é essa? Justiça desse tipo só mesmo produzida pela ignorância humana, que ainda não percebeu que Deus “*não faz acepção de pessoas*”. Ora, as penas instituídas aos infratores nada têm a ver com inferno, mas com situações terrenas, ou seja, todas elas estão relacionadas com coisas do dia-a-dia. Isso prova que o inferno, na verdade, é uma criação humana. Até mesmo porque se Deus “*não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira*” (Sl 103,9), não há como se falar em inferno eterno.

O Instituto Vox Populi, ao final de 2001, realizou uma pesquisa sobre a religiosidade dos brasileiros, por encomenda da *Revista Veja*, publicando a reportagem *Um povo que acredita*, assinado por Jaime Klintonowicz (pp. 125-129). Veja esses resultados:

Perguntas	Católicos	Evangélicos
Acreditam no diabo	44%	81%
Crêem na vida eterna no Paraíso	84%	96%

A crença do diabo, está intimamente ligada a do inferno. Entretanto, a maioria não admite que irá para lá. “(...) A pesquisa Vox Populi encontrou uma realidade surpreendente: muitos brasileiros (34%) acreditam que irão para o céu. Uns poucos, 11%, que passarão um período de penitência no purgatório. Mas nem um só admitiu a possibilidade de ir para o inferno”, concluiu a *Veja* (p. 129). Qual é a utilidade prática, se ninguém admite ir para lá?

Apesar das transformações acontecerem a passos de tartaruga, um dia mudarão esse discurso. Vejamos o que diz na *Revista Veja*:

Desde o Concílio Vaticano II, a Igreja Católica retirou discretamente de seus ensinamentos as terríveis histórias de punição após a morte. Há dois anos, o Papa João Paulo II decidiu que o inferno não é um lugar físico, onde as pessoas seriam cozidas em fogo eterno, como se apregoou durante séculos, mas um ‘estado da alma’, em que o sofrimento do pecador seria causado não mais pelas chamas e sim pela ausência de Deus. (p. 127)

Parabéns para a Igreja Católica pela mudança de rumo, mesmo que agindo discretamente, e esperamos que as igrejas evangélicas possam um dia conhecer essa verdade.

Mas, qual o interesse em manter essa ideia? Tudo leva a crer que é apenas para dominar os fiéis. Pois, ameaçando-os com as labaredas do “fogo do inferno”, tiram-lhes o dízimo, disfarçado em “doação”, como forma de pagamento, do seu lugar no “céu”. Passam a seus fiéis a ideia de que é “uma forma de retribuir por tudo que Deus nos dá”, frase afixada dentro de um templo religioso.

Se Jesus voltasse hoje, não temos dúvida: novamente “expulsaria os vendilhões do templo” e diria a muitas instituições religiosas: “Vá, vende tudo o que tens, e dá-o aos pobres, depois vem e segue-me”.

Paulo da Silva Neto Sobrinho  
Dez/2003.

**Referências bibliográficas:**

Revista Veja, Editora Abril, edição de 19/12/2001.  
A Bíblia Anotada, São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

(Publicado na Revista Universo Espírita de janeiro/2004, pág. 27).